

jogos de prazer

beth kery

Tradução de Ester Cortegano

PRÓLOGO

A boca dele alisou-se com desdém quando abriu com facilidade a segunda fechadura da porta das traseiras da cave. Já a tinha visto dúzias de vezes, por isso não sabia porque ainda haveria de se espantar com mais provas da arrogância de Huey Mays. Como podia alguém viver por um código de intimidação, corrupção e violência, e, ainda assim, nunca imaginar que o crime podia entrar-lhe pela porta das traseiras de casa não deixava de ser um enigma para ele.

Talvez a resposta fosse tão simples quanto o facto de não ser preciso imaginar o mal que anda «por aí» quando ele residia ali mesmo na sua linda casinha.

Imobilizou-se completamente quando ouviu o som de passos acima dele. Ligeiros, rápidos... obviamente um andar de mulher. As suas narinas dilataram-se quando ergueu o olhar, uma imagem dela a inundar-lhe a mente, tão clara e definida como se possuísse visão de raio X e conseguisse ver através do teto.

Planeara cuidadosamente a sua missão, mas não esperara que ela ainda estivesse acordada. Teria de se entreter ali em baixo até ela adormecer.

Observou a divisão em que se encontrava. Mays decorara o seu covil subterrâneo para se parecer com os muitos bares desportivos de Chicago que ele e o seu bando de seguidores apadrinhavam. Três grandes televisores de ecrã plano estavam dispostos em ângulos diferentes. Ele tinha uma visão

razoável da sala, com a ajuda de três letreiros luminosos que publicitavam cerveja pendurados na parede traseira do bar. O néon vermelho e azul lançava uma luz fria sobre duas *pinups* de louras platinadas nuas, uma das quais estava debruçada para a frente, oferecendo o seu oleado e brilhante rabo nu num convite a todos.

Passou silenciosamente pela mesa de bilhar de mogno. Um rápido olhar para o fundo do bar disse-lhe que estava bem abastecido com o melhor álcool. Não tinha dúvidas de que, se abrisse a caixa humidificadora na prateleira de baixo, encontraria os melhores charutos cubanos.

Parou por um momento atrás do bar e estudou a bancada pegajosa. Passou um dedo sobre um resíduo de pó branco no tampo de mogno e levou-o à língua.

Apenas o melhor para Huey Mays — o que houvesse de mais caro em cocaína, álcool, carros, bilhetes para os mais importantes eventos desportivos...

Mulheres.

O seu olhar dardejou de novo para o teto antes de continuar a sua inspeção. Examinou várias fotos de treinadores e jogadores dos Chicago Bears, Bulls, Blackhawks, Cubs e White Sox, a maior parte autografadas com mensagens pessoais para Mays.

Tentou abrir o armário de madeira por baixo do altar de fotografias desportivas, mas as portas estavam trancadas. Demorou três vezes mais tempo a abrir a fechadura do armário do que demorara a abrir a porta das traseiras. Percebeu com clareza as prioridades de Huey Mays quando a fechadura finalmente se abriu.

Os seus olhos recaíram primeiro num grande dildo, depois em vários pares de algemas, um chicote, duas palmatórias e várias mordanças com bola. Alguns dos diversos brinquedos sexuais tinham sido desempacotados e previamente usados, enquanto outros ainda se encontravam nas embalagens originais.

La pegar numa pequena câmara de filmar arrumada ao lado de várias cassetes de vídeo, mas tirou antes um molho de fotos. A sua mão permaneceu firme enquanto percorria as fotos que retratavam duas louras de grandes seios a ser chicoteadas e depois sodomizadas por Huey e um homem de cabelo castanho e corpo magro e rijo, que reconheceu imediatamente.

Parou numa das fotografias e examinou o rosto de Huey. Parecia contorcido e vermelho, com uma mistura de desejo e o que parecia ser fúria indisfarçada. Segurava o cabelo comprido da mulher com uma mão, o corpo

posicionado para a frente no que prometia ser uma violenta investida de carne contra carne.

Não tinha preservativo.

Pelas expressões de êxtase exageradamente dramáticas das mulheres — as bocas com batom vermelho bem escancaradas para a câmara, enquanto ambas levavam por trás ao mesmo tempo —, elas tinham sido co-niventes com a atividade.

E, mais do que provavelmente, bem pagas por ela.

Voltou a depositar as fotos onde as encontrara e trancou de novo a fechadura.

As imagens sórdidas relampeavam ainda pelo seu cérebro quando se levantou. Só porque ela não estava nas fotos não significava que não tivesse estado presente. Quem tirara as fotografias, por exemplo? O pensamento incendiário provocou-lhe uma onda de náusea no estômago.

O seu olhar virou-se rapidamente para cima. Como se se tivesse agitado devido aos pensamentos dele, ela moveu-se no andar superior.

Ela não podia estar enredada na nojenta rede de Huey.

Mas o mais provável era que estivesse. Por aquela altura da sua vida, ele já tinha experiência suficiente para saber que tudo era possível. A mulher ali em cima atirara-lhe com essa lição à cara da maneira mais dura.

Mas ela *não podia*.

Foda-se. Como podia *não estar*?

O som de um chuveiro a ser ligado perfurou aquela amarga ambivalência. Apertou com uma mão o pacote que trazia no bolso do peito do casaco. Sentiu o tronco a arder por baixo.

Uma litania de palavrões e insultos desfilou pela sua consciência, cada um deles dirigido a si próprio... à sua imensa estupidez. Apesar dessa flagelação mental não se dirigiu para a porta das traseiras, como deveria fazer se possuísse nem que fosse um único neurónio a funcionar no cérebro. Em vez disso, esperou pelo som da porta do chuveiro a fechar-se e subiu as escadas em silêncio.

Fora ali com uma missão e ia cumpri-la. Talvez isso lhe desse alguma paz de espírito.

Talvez.

Mas duvidava.

Em cima, a casa num «estilo pradaria» era diametralmente oposta à cave imunda. Teria sido conveniente dizer que o carácter da mulher reinava em cima, enquanto o do marido governava em baixo, mas o único vestígio

dela que captou foi a elegância e a simplicidade da decoração. Caso contrário, poderia estar em qualquer elegante habitação histórica de Hyde Park.

O soalho original de ácer tinha sido cuidadosamente restaurado e brilhava à luz fraca que saía da sala e de uma divisão ao fundo do corredor, à direita. Teto alto, cornijas originais e graciosos arcos remetiam para uma era de elegância e atenção ao mais pequeno detalhe arquitetónico. O mobiliário era eclético, mas de bom gosto — uma mistura de antiguidades e mobiliário moderno com linhas depuradas e sofisticadas.

Ele franziu o sobrolho, perplexo. As paredes estavam nuas... o aparador, a prateleira da lareira e as mesas destituídas de esculturas. De qualquer peça de arte.

Quando entrou no corredor, o seu nariz detetou o odor a cerâmica molhada. Fez uma pausa e o seu olhar lançou-se avidamente para a porta entreaberta de uma casa de banho, dois metros e meio à sua frente, à direita.

No entanto, entrou antes no quarto à esquerda, preferindo a prudência. Sabia que Huey Mays estava fora da cidade, mas Mays era um homem perigoso. Não ia descartar qualquer possibilidade.

Encontrava-se agora no estúdio dela. A pequena divisão de doze metros quadrados não tinha janelas. Parecia ter servido originalmente como uma espécie de grande roupeiro ou sala de arrumos. Ela devia usar a casa de banho do outro lado do corredor, onde estava agora a tomar duche, para ir buscar a água de que necessitava para a sua escultura.

A peça em que estava a trabalhar encontrava-se sobre uma mesa, molhada e coberta de plástico. Ele olhou a enorme quantidade de maquetas dispostas pelo chão ou num banco — os seus modelos para peças maiores. A testa enrugou-se-lhe de curiosidade quando o seu olhar aterrou numa que representava um homem jovem sentado num banco, o cabelo para o comprido a cobrir-lhe um olho enquanto ele se debruçava para a frente e lia um livro com quase tangível intensidade.

La aproximar-se do trabalho em execução quando ouviu o som de água a cair na banheira com especial força, como se ela tivesse acabado de escorrer o cabelo.

A mão estendida recuou bruscamente.

Avançou mais no corredor para a entrada da casa de banho. Ela não fechara completamente a porta. Ele podia ter-se negado a oportunidade de ver a peça de escultura na mesa, mas não se negaria a um vislumbre do seu corpo.

Porque haveria de o fazer, raios? Ela devia-lhe isso... e muito mais.

Levou as pontas dos dedos à porta, que se abriu silenciosamente mais uns centímetros. O chuveiro estava situado na parede oposta. O vapor colava-se ao espelho, mas ele viu-a na mesma. Estava virada de perfil, com a cabeça puxada para trás, os olhos fechados enquanto a água lhe corria pelo rosto, o pescoço, os seios e a barriga.

O seu corpo ficou rígido — uma chama fixa.

Um minuto mais tarde localizou a caixa de joias escondida na gaveta da roupa interior. A caixa de pele não estava oculta no meio da sua *lingerie* de seda fina e cetim. Não, em vez disso ela escondera a joalheria entre a roupa interior de todos os dias — cuecas de algodão e sutiãs de desporto.

Sorriu friamente desse facto. Talvez ela tivesse intuído a verdadeira natureza das brilhantes peças de vidro que Huey lhe tinha dado de presente.

A grande esmeralda cintilou quando ele a ergueu à luz da sua lanterna. Colocou a imitação ao lado.

— Bela falsificação — sussurrou no escuro.

Enfiou o brilhante pedaço de vidro no bolso e depositou a extraordinária pedra preciosa na caixa de joalheria.

Depois saiu da vida de Laura tão silenciosamente quanto tinha entrado.

CAPÍTULO UM

DOZE ANOS MAIS TARDE

O homem sentado ao volante do carro parado num parque de estacionamento abandonado, perto do Cal-Sag Channel, era um barril de pólvora prestes a rebentar. De facto, Randall Moody fora ali naquela fria noite de janeiro em Chicago para garantir isso mesmo. Queria ser ele a acender o fósforo na altura certa e não queria ficar por perto da explosão quando ocorresse.

Deu duas pancadinhas cautelosas na janela do carro.

— Que raio...? Como é que me encontraste? — perguntou Huey Mays depois de olhar pelo vidro e destrancar a porta do carro. Moody instalou-se no lugar do pendura. O seu nariz franziu-se de aversão.

— Cheira aqui a destilaria. — Olhou repressivamente para Mays quando viu que o outro homem tinha empunhado a sua pistola ao ouvir bater na janela, mas não lhe disse para largá-la. Afinal de contas, tencionava que Huey usasse aquela arma dentro de pouco tempo. Ia precisar de a ter à mão.

Moody tremeu incontrolavelmente por um momento, maldizendo as articulações doridas e o corpo a envelhecer. Raios, a vida de Huey Mays estava prestes a chegar ao fim. O que ele não daria para ter aquele corpo mais novo e mais viril, ainda que Mays tivesse prejudicado grandemente a sua saúde com álcool, drogas e múltiplas doses diárias de alimentos processados e gordurosos. Moody estava a chegar aos 60, mas treinava diligentemente no seu ginásio e era cuidadoso com o que bebia e comia.

Considerava o envelhecimento uma fraqueza, mas o que desprezava ainda mais era a falta de disciplina de Huey e a tendência para chafurdar na sua natureza carnal.

— Um dos patrulhas viu o teu carro aqui — replicou Moody, com o tom suave e caloroso a não denunciar o amargo ressentimento que sentia. Não havia razão para explicar mais. Mays sabia tão bem quanto toda a gente que Moody tinha uma das melhores redes de informação da cidade. Se alguma coisa importante se passava em Chicago, Randall Moody provavelmente sabia-o. Trinta e cinco anos na polícia de Chicago e contactos cuidadosamente estabelecidos, tanto no governo como no submundo, tinham garantido isso mesmo.

— Ainda bem que aqui estás — murmurou Huey. As suas mãos moveram-se nervosamente pelas coxas enquanto limpava o suor das palmas, mas Moody estava satisfeito por ver que ele tinha pousado a pistola no colo, em vez de a guardar. — Tens de me ajudar a sair desta trapalhada. O FBI anda em cima de mim para lhes dar nomes.

— Eu disse-te que isso ia acontecer. Também te expliquei porque não seria verdadeiramente do teu interesse fazeres-lhes a vontade — lembrou Moody.

— Eles dizem que me reduzem a sentença a quase nada.

— Quase nada? Na melhor das hipóteses — a *melhor*, atenção —, apanhavas cinco anos numa prisão federal. O que é como dizer uma eternidade para uma pessoa como tu, Huey. Já pensaste como ia ser? Sem um *cocktail* disponível sempre que ficas nervoso. Sem cocaína. — Moody removeu devagar as luvas de pele e guardou-as cuidadosamente no seu sobretudo de caxemira preta. Inspeccionou as unhas bem tratadas. — E, claro... vais ser a pessoa a ficar do outro lado, no tipo de sexo que preferes...

— Nunca! — gritou Huey. Os seus olhos estavam raiados de sangue e alucinados. Moody mostrava-se contente por ver que ele parecia um homem à beira do precipício.

— E a questão continua, Huey. Qualquer benefício que tenhas por apontares o dedo vai ser de muito pouca dura. Está na hora de assumires as responsabilidades pelas tuas próprias ações.

— *Nada?* — insistiu Huey com um grunhido. — Não há nada que possas fazer por mim?

— O teu destino está nas tuas mãos — disse Moody, o olhar a baixar-se rapidamente para a arma no colo de Huey.

— Devia ter-me livrado do Shane Dominic há anos.

— Quando for a altura certa, o assunto do Dominic também vai ser tratado, garanto-te.

— Ou, melhor ainda, devíamos ter acabado logo com *ela*.

— A tua mulher é uma pessoa encantadora. Não somos monstros a ponto de matar algo tão delicado e raro — repreendeu Moody.

— Porque é que não casaste tu com a cabra, então? — O sorriso de Huey era escarninho, enquanto ele olhava fixamente para o para-brisas, obviamente a imaginar alguma coisa mais agradável do que a escura noite de inverno. — Mas lixei-a bem. A ela e àquele idiota do Dominic.

Moody abanou a cabeça tristemente e estendeu a mão para a porta do lado do passageiro.

— É a tua oportunidade, Huey, de mostrares à tua mulher que casou com um homem forte, um homem de disciplina. Faz um favor a ti mesmo e aproveita a oportunidade que ainda tens de manter não só a tua liberdade e a tua honra, como igualmente a tua masculinidade. Não deixes que o Shane Dominic te tire isso também.

Moody deu uma palmadinha no joelho de Huey, num gesto de encorajamento paternal, antes de sair do carro.

Shane Dominic reparou nos argutos olhos castanhos de Clarissa fixos nele pelo espelho do armário-bengaleiro antigo. Os dedos que tinham estado pressionados nas pálpebras a esaldar baixaram-se para a envolver num abraço, enquanto ela dava uma volta.

— Sabes como esse vestido me dá tesão — murmurou-lhe junto ao pescoço. — Usaste-o no jantar do City Club, no outono passado. Mal consegui dizer duas palavras do meu discurso, porque não parava de pensar em levar-te para a cama e despir-to.

A gargalhada de Clarissa vibrou-lhe nos lábios, que ele tinha pressionado na garganta dela.

— Isso foi no outono, Dom. E esta noite?

Os dedos dele encontraram o fecho do sensual vestido de *cocktail* cor de vinho e baixaram-no.

— Esta noite não espero pela cama. Vou ter de to tirar aqui mesmo no corredor, acho eu.

Sorriu quando a sentiu arrepiar-se sob a sua boca exploradora. Os dedos dela mergulharam no seu cabelo, a puxá-lo para baixo ao encontro do seio que ele acabara de revelar, desviando-lhe o tecido do sutiã. Mas ele fez

uma pausa e agarrou-lhe no pulso. Quando lho puxou para trás do corpo fê-la arquear as costas. Ela gemeu enquanto ele inspecionava o seu pequeno seio, com a ponta cor-de-rosa. Soprou-lhe suavemente.

— És tão provocador, Dom — balbuciou ela. Mas arqueou-se mais para ele, aproximando-lhe mais o mamilo da boca.

Ele riu baixinho antes de lho lambe ligeiramente.

— Tu é que me provocaste durante toda a noite com este vestido. Agora vais ter de pagar por isso.

— Mal posso esperar — sussurrou ela.

Olhou-a de relance. Os seus olhos escolheram aquele momento infeliz para arder e lacrimejar. Fechou as pálpebras com força por um breve segundo para obter algum alívio.

— Queres saber o que penso? — perguntou Clarissa.

— O quê? — balbuciou, sem prestar verdadeira atenção. Baixou a cabeça para o mamilo contraído de Clarissa, com toda a atenção concentrada na sensação de cada minúsculo alinho que passava pela sua língua. Obstinado, era assim que Clarissa o descrevia sempre.

Ela gemeu de prazer, por isso ele surpreendeu-se quando a sentiu puxar-lhe o cabelo com a mão livre. Olhou-a de relance.

— Acho que estás a tentar mudar de assunto. Acho que estás exausto, é isso o que eu penso. Trabalhaste sem parar durante esta semana naquela investigação do polícia corrupto, para depois ainda teres o discurso esta noite no Magellan Club. Estás completamente de rastos, Dom. Porque é que sentes necessidade de esconder de mim o teu cansaço?

— Eu não sinto necessidade de te esconder nada, Clarissa — garantiu-lhe ele, antes de voltar a baixar a cabeça para prestar atenção a um mamilo empinado.

Ela soltou um ronco.

Shane endireitou-se, pesarosamente. Não precisava de ser perito em comportamento humano para saber que Clarissa não o ia deixar fazer amor com ela enquanto não a ouvisse até ao fim.

— Se te referes ao meu trabalho, sabes que não te posso contar muito além do que a imprensa relata sobre quaisquer investigações do FBI — disse ele enquanto despia o sobretudo e o pendurava no armário da entrada. Seguiu-se o casaco do *smoking*.

— Por favor, Dom. Sabes que não é disso que estou a falar.

Ele escondeu uma careta quando viu a expressão de aborrecimento no rosto dela. Deixara a frase habitual sair-lhe da boca antes de ter tido tempo

de se censurar. Mas, pior, aparentemente soltara aquela deixa da maneira brusca que nunca deixava de provocar a irritação da noiva.

Não te atrevas a vir com esse tom de agente-especial-chefe para cima de mim. Credo, não admira que digam que tens um coração de pedra, Dom.

A acusação que Clarissa lhe fizera no passado ecoou na sua cabeça, enquanto lhe puxava o tecido do vestido para cima.

Tinha o direito de estar chateada. Mal falara com ela numa semana e meia, apercebeu-se com uma ponta de culpa. Robert Elliot, o procurador para o distrito norte do Illinois, acabara de lhe entregar, quatro dias antes, aqueles há muito desejados mandados de captura designados para vários polícias do departamento de Chicago.

Mas por melhores que fossem as suas razões, não era possível que Clarissa apreciasse ser ignorada durante dez dias para depois o ter a cair em cima dela assim que a tinha para si.

Ele levou-a para o seu escritório forrado de livros e sentou-a no sofá de pele.

— Eu sei que não tenho podido estar contigo nesta semana. Vamos fazer o seguinte — disse-lhe suavemente. — Deixa-me só livrar deste fato. Depois faço bebidas para os dois e conversamos.

Os olhos escuros de Clarissa inundaram-se de lágrimas quando ela o encarou. Era uma das mais inteligentes e mais bem-sucedidas analistas financeiras de LaSalle Street. Não chorava facilmente.

— Vamos casar daqui a dois meses, Dom. Porque é que nem sequer para mim admites que estás exausto? Não consegues mostrar uma ponta de vulnerabilidade à frente da tua futura mulher?

Ele sorriu.

— Queres que te diga que estou exausto? Está bem. Estou quase a cair para o lado. Devo ter dormido um total de oito horas na última semana e sinto os globos oculares a arder debaixo das pálpebras. A minha visão está tão turva que disse ao presidente do Magellan Club que não precisava de ir buscar-me uma bebida ao bar porque outro cavalheiro já tinha ido.

— Qual é o mal disso?

— O outro *cavalheiro* era a mulher dele.

Os lábios de Clarissa reviraram-se de riso.

— Estás a gozar.

Shane encolheu os ombros num gesto envergonhado.

— Também disseste ao superintendente da polícia que ias dar um belo «beijo de Liverpool» ao próximo homem que se metesse contigo por teres

sido nomeado o «Homem Mais Sexy de Chicago» pela revista *Chicago*. Não compreendi que estavas a ameaçá-lo até o John McNamara me explicar que um «beijo de Liverpool» era uma técnica de luta de rua. Uma brutal cabeçada.

— Essa ameaça também conta para mulheres — disse Shane com uma fingida expressão sombria. Clarissa sorriu.

— Talvez devesse ter ameaçado outra pessoa além do superintendente da polícia, tendo em conta o facto de mais de metade da cidade te ver como responsável por terem deixado de confiar na polícia de Chicago.

As sobrelhas dele arquearam-se.

— A Operação Servir e Proteger existe unicamente para devolver a confiança do público ao departamento. E o Jake Moriarity sabe-o. Foi por isso que apoiou a cem por cento as investigações do FBI à corrupção na divisão.

— Tens a certeza de que essa é a única motivação por detrás da tua cisma por esta investigação?

Shane fez uma pausa no processo de desatar o laço.

— Cisma? Isso é um bocado duro.

Clarissa sustentou-lhe o olhar.

— Este caso recai diretamente sob várias diretivas de investigação do FBI. Caramba, nós desmascarámos a maior rede de roubo organizado da história, que cruza vários estados e é gerida por membros das autoridades. De que outra motivação precisamos?

Clarissa pareceu vagamente desconfortável com a pergunta, mas continuou sem desviar o olhar.

— Bom... há aquelas insinuações que o Canal Seis fez sobre as tuas relações com a família Vasquez.

Shane revirou os olhos.

— Eu conheço um quarto dos polícias e a maior parte dos inspetores da polícia de Chicago. Não só trabalhei com dúzias de polícias de Chicago como chamo meus amigos a muitos deles... incluindo o Joey Vasquez.

— Mas com quantos desses polícias andaste na escola primária, como com o Joey Vasquez? — insistiu Clarissa. — E... e essa notícia dizia que a mulher do Huey Mays é irmã do Joey Vasquez, e que tu a conhecias há séculos.

Ela calou-se, mas continuou a estudar-lhe o rosto avidamente.

Shane estacou antes de arrancar o laço do pescoço, e a seda a deslizar fez um som ciciado.

— Eu *conhecia* a Laura Vasquez, Clarissa. Não falo com ela há mais de uma dúzia de anos. Aonde é que queres chegar com isso?

Clarissa soprou lentamente.

— Não sei aonde quero chegar. Só me parecias tão obcecado com este caso...

— Tu dizes-me que sou obcecado com tudo o que faço.

— Sim, és. A tua mente é obsessiva, Dom. — Ela abanou a cabeça e riu-se suavemente quando ele ergueu uma sobrancelha e baixou o olhar para o seu mamilo ainda ereto, que se espetava contra o tecido fino.

— Eles mostraram uma foto dela, sabes? — continuou Clarissa, o riso ainda colado aos lábios. — Nas notícias. Da Laura Mays, quero eu dizer. É extremamente bonita.

— Ah, é isso que está a preocupar-te?

— Talvez. Não sei. — Ela pareceu um pouco embaraçada. — *Claro* que tens boa razão para ficar obcecado por este caso. Algumas das coisas que aqueles polícias andavam a fazer...

Ela abanou a cabeça, numa mistura de incredulidade e aversão, enquanto puxava um gancho da nuca. O seu cabelo louro-escuro caiu-lhe em redor dos ombros.

— Ou seja: usar os recursos da polícia para roubar pessoas inocentes, espancar gravemente algumas dessas pessoas inocentes, três delas quase tendo morrido, extorquir tremendas quantias de dinheiro a traficantes e outros criminosos... é de ficar com a cabeça a andar à roda, para ser honesta. Um perigoso gangue do crime organizado a operar a partir das esquadras da polícia de Chicago.

» *Então?* Dom? Aonde vais? — perguntou Clarissa alguns segundos depois.

Shane pestanejou, ao perceber que mais uma vez se perdera nos seus pensamentos.

Perdera-se naquele caso.

A razão pela qual Clarissa aturava os horários dele, as faltas de atenção, ultrapassava-o. Nem sequer lhe atirava à cara o facto de ele ter adiado o casamento — não uma vez mas duas — sempre que tinham uma discussão. Voltara a experimentar as mesmas velhas e conhecidas dúvidas a respeito de casar com ela e sabia melhor do que ninguém o tipo de sacana que isso fazia dele.

— Eu não te mereço, Clarissa — balbuciou Shane, desejando pela centésima vez conseguir livrar-se daquelas incertezas. De certeza que devia ser apenas o nervosismo de um solteirão empedernido.

Mas ao mesmo tempo não conseguia deixar de pensar que, se Clarissa

fosse verdadeiramente a mulher da sua vida, não haveria a mínima hipótese de ela tão raramente lhe ter passado pela cabeça durante dez dias seguidos, por mais absorvente que fosse o seu trabalho.

A expressão escaldante no rosto dela quando se virou para ele contribuiu muito para apagar as suas dúvidas naquele momento. Semicerrou as pálpebras quando a viu debruçar-se para a frente e plantar um beijo na base do seu pénis. Apesar da fadiga, sentiu-se agitar de excitação.

— Tens razão. Não me mereces. Mas tenho de admitir uma coisa: a revista *Chicago* acertou em cheio. Fico com vontade de te devorar quando te vejo com este *smoking*, Dom.

— Isso é uma promessa?

Ela arqueou as sobrancelhas douradas.

— Porque não vais pôr-te mais confortável e preparar as bebidas? Depois decidimos se te apetece dormir ou foder.

— Eu sei o que me apetece fazer, e não é dormir. Estou em dívida contigo depois desta semana, Clarissa — sussurrou enquanto pressionava o polegar no lábio inferior dela.

— Veremos se estás capaz.

— Ah, estou mais do que capaz — garantiu-lhe ele.

O som da gargalhada satisfeita de Clarissa seguiu-o na saída da sala. Sorriu. Ela era mesmo uma mulher extraordinária. Acabara de lhe atirar a luva, sabendo perfeitamente que ele nunca viraria as costas a um desafio. Podia estar cansado como o raio, mas era a exaustão que se seguia a uma batalha sangrenta. Uma boa sessão de sexo ardente seria perfeita para celebrar o seu triunfo.

Para não mencionar que o faria esquecer as suas dúvidas a respeito do casamento.

Já não era um miúdo. Precisava de assentar. Tudo bem, podia não ficar necessariamente ansioso por voltar para casa e ver Clarissa ao final de um dia de trabalho — e então? Só teria de se esforçar mais para ser atencioso com ela, mais nada. Era uma boa mulher. Ele gostava da sua companhia. Não havia por aí muitas mulheres inteligentes e independentes que também satisfiziam as suas necessidades sexuais, mas, uma vez atrás de portas fechadas, Clarissa submetia-se-lhe docemente.

Ainda assim... aquelas dúvidas persistiam.

Treze anos e meio, pelo amor de Deus. Era preciso ser-se muito triste para não se superar uma mulher durante tanto tempo. E não uma mulher qualquer. Uma mulher que claramente não o queria.

Uma mulher que ele obviamente não devia querer.

Clarissa estava parada precisamente à frente do televisor quando ele regressou, uns minutos depois, vestido com uma calças de pijama e trazendo dois copos de brande. Estava acostumado a que ela ligasse a CNN em busca dos noticiários económicos, mas ficou um pouco espantado por ver que a sua atenção continuava presa no ecrã quando ele se aproximou.

— Oh, não, Dom — sussurrou ela.

— O que foi?

— Olha...

O olhar dele disparou para a televisão. Mostrava um homem atraente, de cabelo escuro a embranquecer nas têmporas, vestido com um caro e impecável fato cinzento, a sair pelas portas do Edifício Federal Dirksen. Shane sabia que as imagens eram de há dois dias, antes de Huey Mays ter sido libertado sob fiança.

Um sentimento de profundo ódio cresceu no peito de Shane e a magnitude desse ódio chocou-o um pouco. Devia ser por ter sido apanhado de surpresa pela imagem.

— Sim, é o Huey Mays. Trata-se da detenção de um capitão da Divisão de Crime Organizado que encabeçava a mais vasta rede de roubo de joias, peles e moedas raras da história da polícia de Chicago. Vão passar alguns dias a falar disso — resmungou com sombria satisfação.

— Não é essa a notícia — disse Clarissa, a olhar para ele ansiosamente. Aceitou a bebida que ele lhe oferecia sem parecer consciente do que estava a fazer. — Ou, pelo menos, isso é só parte da notícia. O que estão a dizer agora é que o Huey Mays deu um tiro na cabeça esta noite. Foi declarado morto há meia hora no hospital Northwestern Memorial, Dom.

Shane meteu o carro pela Erie Street, ao lado da entrada do hospital Northwestern Memorial. Viu uma das suas némesis, Blaine Howard, um repórter do Canal Oito, a correr para as portas que davam para a ala leste do gigantesco edifício, com o operador de câmara a resfolegar para conseguir acompanhar as suas longas passadas.

Pela experiência de Shane, a única característica que excedia a ignorância de Howard era a sua arrogância. Não era uma bonita combinação. Mas se havia coisa que Blaine sabia fazer era farejar sangue.

Shane reconheceu-a imediatamente, quando ela saiu pelas portas de vidro e correu pelo passeio. Um bando de jornalistas e operadores de câmara

seguiu-a, a gritar-lhe perguntas e a tirar foto atrás de foto. Shane viu as marcas do pânico nas suas feições rígidas, quando eles quase a apanharam.

Sabia como ela detestava multidões. Quando eram adolescentes, Joey, o irmão dela, desleixara-se nos estudos para os exames de admissão na secundária de Whitney Young Magnet e tivera de frequentar a de St. Ignatius. Por isso, quando Laura entrara na Whitney, Shane tomara-a sob a sua asa. Ajudara-a a treinar para a disciplina de Discurso Público. Ela era uma aluna dotada e uma artista brilhante, mas muito reservada. Não necessariamente tímida.

A arena pública não era simplesmente o domínio de Laura.

Pelo menos quando ele a conhecera, quando a inocência ainda se agarrava a ela como orvalho matinal a uma bela rosa por abrir. As coisas agora eram diferentes, claro. Huey Mays tratara disso. Huey e quem quer que ele tinha oferecido o direito de uso do seu fabuloso corpo de mulher.

Do fabuloso corpo da sua escrava.

Havia montes de coisas que um agente da lei ficava a saber, através da vigilância eletrónica, que preferia não ter ouvido. No caso de Laura, tinham sido coisas que Shane pagaria qualquer preço para apagar dos seus arquivos de memória.

Laura libertou-se abruptamente e lançou-se a fugir dos repórteres e fotógrafos que a perseguiam. Ele adiantou-se alguns metros à sua frente enquanto ela corria pela Erie Street e travou a fundo.

— Entra — ordenou, baixando o vidro.

Ela estacou, os olhos a escancararem-se quando o viu. Hesitou.

— Entra no raio do carro, Laura. Vão-te apanhar dentro de um segundo.

Assim que tomou a decisão, ela moveu-se rapidamente. Ele carregou no acelerador no preciso segundo em que a ouviu bater com a porta. Um dos membros dos média ainda deu uma palmada de frustração no carro.

Durante quase um minuto nenhum dos dois falou, enquanto ele virava para a Lake Shore Drive. Parecia-lhe surreal estar a conduzir um carro com Laura Vasquez no banco do passageiro. Naquela manhã, nunca teria imaginado que seria assim que o seu dia ia terminar.

— Não devias ter feito isso, Shane. Um deles pode ter visto a tua matrícula e percebido que eu tinha apanhado boleia do agente especial do gabinete do FBI em Chicago. O mesmo homem que foi responsável pela detenção do Huey.

— O Huey é que foi responsável pela sua detenção, Laura.

O seu tom severo podia ser uma tentativa de neutralizar o efeito que

aquela voz grave e rouca tinha no seu corpo. Ela era uma das três pessoas à face da Terra que o tratavam pelo nome próprio — sendo a mãe e o pai as outras duas. Não o ouvia da boca dela há mais de doze anos.

Olhou-a de relance, notando as linhas límpidas, as curvas e ângulos harmoniosos do seu perfil contra as luzes da cidade, um diamante perfeito encastrado entre cintilantes pedras de *strass*. Ela parecia calma e imperturbável pela declaração provocadora.

O que sentia Laura a respeito da morte do marido? Ele obrigou-se a dirigir o olhar para a estrada.

Como de costume, era impossível perscrutá-la a fundo. Ela era a única pessoa que alguma vez conhecera que representava a incontrovertida verdade de que a sua capacidade de julgar o caráter de outro ser humano era gravemente deficiente. Os seus pares diziam que era a especialidade de Shane — o dom de compreender as motivações das pessoas, de prever como agiriam em determinadas circunstâncias.

Saber que os seus sentimentos por Laura estavam em tão flagrante discrepância com o que deviam ser, tendo em conta a realidade, dava-lhe cabo da cabeça. Tinha sido como um espinho debaixo da sua pele durante treze anos e meio, um ferimento que não sarava, por mais que a tentasse esquecer e seguir em frente na sua vida.

— E se perceberam? — balbuciou. — Eu digo que te fui buscar para te interrogar.

— É mesmo isso que estás a fazer?

Durante um breve segundo, os seus olhos encontraram-se nas sombras.

— Interrogar-te nunca me levou a lado nenhum no passado, pois não, Laura?

Ela parecia estar prestes a dizer alguma coisa, mas depois conteve-se. O seu rosto parecia tenso e pálido — a mais bonita máscara que ele tinha visto na vida. Resistiu ao impulso de parar o carro e abaná-la até ela lhe mostrar alguma coisa. A sua raiva. A sua tristeza. A sua paixão.

Qualquer coisa que não fosse aquela fria indiferença.

— Para onde me vais levar?

Ele pestanejou perante a pergunta prática no meio daquele momento intenso. Intenso *para ele*, pelo menos.

— Não sei. Aonde queres ir?

— Então não vais mesmo levar-me para um interrogatório?

Ele lançou um olhar duro na sua direção.

— A polícia não te interrogou?

— Sim. No hospital. Disseram que me iam contactar de manhã para esclarecer mais algumas coisas. Soube da notícia do falecimento do Huey enquanto me estavam a interrogar...

Não respondeu por uns segundos, quando a voz dela se apagou. A inesperada morte por suicídio de Huey Mays deixara-o tão lixado que ficara praticamente cego de raiva, durante uns momentos, enquanto estava à frente do seu aparelho de televisão, quarenta e cinco minutos antes.

Doninha escorregadia até ao fim, a libertar-se da embrulhada em que se vira, como o cobarde que era. Shane fervia.

Mays tinha sido o elemento-chave da longa investigação do FBI à corrupção na polícia de Chicago. O homem era mais viscoso do que a porcaria que se colava ao fundo do seu sapato numa imunda casa de banho pública. Só que Mays era pior, porque era suficientemente atraente para aparecer numa capa de revista, e astuto como uma raposa.

Shane desconfiava que Mays teria falado para salvar a própria pele, e o seu instinto raramente se enganava em tais assuntos. Esperara que ele cantasse um nome alto e bom som — o do atual chefe da Divisão de Crime Organizado da polícia de Chicago, Randall Moody.

— Disseram-te que o Huey deixou um bilhete? — perguntou a Laura. Já tinha falado com o comandante da esquadra onde o corpo de Huey tinha sido encontrado e conhecia os aspetos básicos do caso.

— Sim — respondeu ela.

Shane olhou a sua compostura imperturbável e suspirou, a tentar em vão expulsar uma frustração de quase catorze anos.

— O corpo dele ainda vai ser examinado por um dos agentes do FBI no laboratório, mas desde que esteja tudo bem no relatório, e que o bilhete seja genuíno, não haverá uma investigação formal. Vai ser declarado um caso de suicídio. Apanhar-te na rua não foi em trabalho. Foi uma coisa espontânea — balbuciou ele após uns segundos, quando viu a testa lisa da mulher enrugar-se de confusão. — Vi os jornalistas a correrem para ti. Passei metade da minha vida a fugir daqueles abutres.

Um pequeno sorriso curvou-lhe os lábios cheios.

— Ainda a salvar-me dos maus, Shane?

— Para isso seria preciso que me deixasses salvar-te, não é? Já mergulhaste demasiado fundo, querida — rosnou.

Fez uma pausa quando notou o brilho do choque nos olhos dela. Inspirou lentamente e fixou o olhar na estrada. Porra, o que raio se passava com ele?

— Desculpa. Não merecias isto. Principalmente esta noite. — Sentiu-a a olhar para ele, fazendo com que a sua pele se arrepiasse, mas ela não falou durante uns momentos. Por fim pigarreou.

— Suponho que te terão dito que ele... ele fez aquilo no carro? — perguntou-lhe. — Foi um polícia que o encontrou. O Huey tinha estacionado numa zona deserta perto do Cal-Sag Channel. O agente pensou que o carro tinha sido abandonado e foi investigar. O Huey ainda estava vivo, mas inconsciente. Nunca chegou a acordar.

— Quem era o agente?

— Josh Hannigan, da 6.^a Esquadra.

— Conhece-lo?

Laura abanou a cabeça.

Ele observou-a desconfiadamente na escuridão. Laura vinha de uma família de polícias. O seu tio Derrick — o seu tutor — tinha sido um sargento duplamente condecorado. O irmão mais velho, Joey, era vice-inspetor.

E, claro, o marido tinha sido polícia — embora Huey fizesse desse título um motivo de gozo. Agora parecia que Joey também podia estar envolvido em todo aquele caso.

E Laura, no meio de tudo isto, silenciosa e inexplicável. Quem estava ela a proteger com a sua indiferença? O marido? Joey?

Ela própria?

Ele pestanejou para limpar as nuvens dos seus olhos em privação de sono e olhou o que os rodeava. Percebeu que estava a conduzir para sul na Lake Shore Drive sem fazer ideia de onde ia. Passou para a faixa da direita e cortou à tangente na saída mais próxima.

Joey Vasquez podia ser uma pessoa de interesse no caso da rede de roubos no departamento da polícia de Chicago, mas também era uma parte importante da história de Shane, e era a única família próxima de Laura. Joey e ele não se tinham visto muito desde que Shane regressara à sua terra natal, desta vez para dirigir o gabinete do FBI em Chicago. Ainda assim, sabia que o antigo companheiro vivia em Hyde Park. Baixou a cabeça e tentou ler o dístico por onde passou para se orientar.

— Não devias ficar sozinha esta noite. Vou levar-te a casa do Joey — murmurou.

— Não, a casa do Joey não. Leva-me para minha casa, por favor.

— Laura, tu acabaste...

— O Joey está fora — interrompeu-o ela calmamente. Laura reparou no olhar cético dele. — Estou a dizer-te a verdade, Shane. Ele e a Shelly

levaram uma carrinha cheia de miúdas a Springfield, para o campeonato de voleibol da escola secundária da Carlotta. Vão jogar a final.

— A Carlotta *não pode* estar na secundária — proclamou Shane, referindo-se à filha de Joey. O seu olhar detetou e prendeu-se na imagem cativante do pequeno sorriso de Laura.

— Está no décimo primeiro, na secundária Marie Curie.

Shane abanou a cabeça. Uma pessoa podia ignorar tanto quanto quisesse a sua idade, mas a geração seguinte recusava-se a deixar que ela continuasse em negação.

— Tu tens 34 anos — disse ele, enquanto conduzia pela rua silenciosa e pouco iluminada.

— Desde novembro — respondeu ela em voz sussurrada.

Shane levou meio minuto a perceber que Laura estava a chorar. Não fazia um único som, enquanto olhava em frente, com as lágrimas a colar-se como cristais de gelo às suas faces macias.